



DOSSIÊ TEMÁTICO:

***QUAIS RECURSOS PARA QUE MODELOS DE
DESENVOLVIMENTO NA ÁFRICA SUBSAARIANA?***

Artigo



**A ECONOMIA DO PETRÓLEO EM GANA NO INÍCIO DO
SÉCULO XXI**

THE OIL ECONOMY IN GHANA IN THE EARLY 21ST CENTURY

L'ÉCONOMIE DU PÉTROLE AU GHANA AU DÉBUT DU XXI^{ème} SIÈCLE

Por Kauê Lopes dos Santos

34

Kauê Lopes dos Santos.

Professor do Departamento de Geografia do Instituto de Geociências da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), São Paulo, Brasil. Pesquisador Visitante do Latin American and Caribbean Centre, London School of Economics and Political Science (LACC-LSE)

<https://orcid.org/0000-0001-9996-1079>
<http://lattes.cnpq.br/3616621621327336>
Contato: kauels@unicamp.br

Como citar:

SANTOS, K. L. dos. M. A economia do petróleo em gana no início do século XXI. **Boletim GeoÁfrica**, v. 2, n. 7, p. 34-48, jul.-set., 2023.

Recebido: 17/08/2023

Aceite: 05/09/2023



Resumo

O petróleo vem ganhando cada vez mais importância na pauta de exportações de Gana desde 2010, quando o país passou a explorar comercialmente as suas reservas. Em 2021, o país já figurava como o oitavo maior produto do continente. Partindo da formulação teórico-metodológica da “formação socioespacial”, este artigo busca compreender a organização da economia do petróleo em Gana, considerando os arranjos estabelecidos entre as forças produtivas e as relações de produção deste território da África Ocidental ao longo do processo histórico. Por meio da coleta, sistematização e análise de dados qualitativos e quantitativos obtidos em fontes secundárias, o estudo revela as particularidades da conformação da cadeia de valor global do petróleo em Gana.

Palavras-chave: formação socioespacial, petróleo; cadeia de valor global; Gana; África Ocidental.

Abstract

Oil had become increasingly crucial in Ghana's export basket since 2010, when the country began exploiting its reserves commercially. In 2021, the country was already the eighth-largest product on the continent. Based on the theoretical-methodological formulation of "socio-spatial formation," this article seeks to understand the organization of the oil economy in Ghana, considering the arrangements established between the productive forces and the production relations of this West African territory throughout the historical process. Through the collection, systematization, and analysis of qualitative and quantitative data obtained from secondary sources, the study reveals the particularities of the conformation of Ghana's global oil value chain.

Keywords: socio-spatial formation, oil, global value chain; Ghana; West Africa.

Resumé

Le pétrole prend de plus en plus d'importance dans le panier des exportations du Ghana depuis 2010, lorsque le pays a commencé à exploiter commercialement ses réserves. En 2021, le pays était déjà le huitième produit le plus important du continent. Basé sur la formulation théorique-méthodologique de la « formation socio-spatiale », cet article cherche à comprendre l'organisation de l'économie pétrolière au Ghana, en considérant les arrangements établis entre les forces productives et les rapports de production de ce territoire ouest-africain tout au long du processus historique. A travers la collecte, la systématisation et l'analyse des données qualitatives et quantitatives obtenues à partir de sources secondaires, l'étude révèle les particularités de la conformation de la chaîne de valeur mondiale du pétrole au Ghana.

Mots clés : formation socio-spatiale, pétrole ; chaîne de valeur mondiale ; Ghana, Afrique de l'Ouest.



INTRODUÇÃO

Em 15 de dezembro de 2010, iniciou-se a produção em escala comercial de petróleo em Gana. No dia seguinte, a notícia já estava estampada na capa de todos os jornais desse país africano, e a britânica BBC trazia em seu sítio eletrônico a seguinte manchete: *Ghana oil begins pumping for the first time* (BBC, 2010). Na época, a expectativa era de que o consórcio liderado pela empresa *Tullow Oil* iria produzir, no território ganense, aproximadamente 55 mil barris por dia, elevando esse número para 120 mil em até seis meses.

A descoberta de grandes reservas de petróleo no campo de *Jubilee* – localizado na porção ocidental do alto-mar (*offshore*) ganense – ocorreu três anos antes, em 2007. Na época, o fato deu vazão a crença de que o recurso iria garantir uma maior diversidade na pauta de exportações bem como uma maior entrada de divisas no país dentro do curto e médio prazo. Ao mesmo tempo, contudo, a descoberta do petróleo levantou preocupações dos setores mais céticos da política nacional que, preocupados com a chamada “maldição do recurso”, temiam que a exploração do mesmo fosse induzir o desenvolvimento de práticas sistêmicas de corrupção, como ocorrido em diversos países.

Diante desse cenário, este artigo tem o objetivo de analisar em linhas gerais a economia do petróleo em Gana, considerando a forma como as forças produtivas e as relações de produção neste território se combinaram, ao longo do tempo, para promover a extração e a exportação desse recurso natural. Embora essa economia tenha surgido apenas no início do século XXI, parte da região onde atualmente se localiza o país em questão tem explorado recursos naturais de seus subsolos – especialmente o ouro – desde, pelo menos, o século XII. Mais recentemente, outros recursos – como diamante, manganês e bauxita – também foram explorados, sobretudo durante o período colonial (que perdurou do final do século XIX até 1957), quando o Reino Unido organizava o modo de produção da Costa do Ouro – atual Gana – em função das demandas internacionais por *commodities* agrícolas e minerais.

Ainda que a exportação de *commodities* seja a principal forma de inserção dos países africanos na divisão internacional do trabalho na atualidade, este artigo tem a expectativa de apontar para algumas particularidades nas formas como Gana desenvolve, em seu território, a economia do petróleo. Nesse sentido, o trabalho está inserido no



campo da Geografia Econômica, dialogando com a Geografia dos Recursos Naturais, com a Geografia Regional da África e do Sul Global e com a Economia Política.

Segue-se a esta introdução, as seguintes seções: (2) “a formação socioespacial como partido de método”, onde será apresentada a premissa teórico-metodológica deste estudo; (3) “resultados”, onde serão apresentadas análises sobre a cartografia dos recursos naturais em Gana, a história da exploração do petróleo no país bem como a organização das forças produtivas e das relações de produção em torno desse recurso energético e; (4) considerações finais, onde será chamada a atenção para a necessidade de se atentar às formas particulares com que as formações socioespaciais africanas organizam suas economias em seus territórios.

A FORMAÇÃO SOCIOESPACIAL COMO PARTIDO DE MÉTODO

37

O estudo apresentado neste artigo parte da premissa de que Gana pode ser entendida a luz do conceito de “formação socioespacial”. De inspiração marxista e desenvolvido pelo geógrafo brasileiro Milton Santos na década de 1970, esse conceito busca entender as particularidades nas formas como são forjadas as relações entre as forças produtivas e as relações de produção em uma determinada sociedade – e em seu respectivo espaço – ao longo do processo histórico. Milton Santos explica que:

As diferenças entre os lugares são o resultado do arranjo espacial dos modos de produção particulares. O ‘valor’ de cada local depende de níveis qualitativos e quantitativos dos modos de produção e da maneira como eles se combinam [...]. Os modos de produção tornam-se concretos sobre uma base territorial historicamente determinada. Deste ponto de vista, as formas espaciais seriam uma linguagem dos modos de produção. Daí, na sua determinação geográfica, serem eles seletivos, reforçando dessa maneira a especificidade dos lugares (SANTOS, 1977, p.87).

Ao mesmo tempo que aponta para a necessidade interpretativa de diferenciação entre os lugares, esse conceito orienta também a construção de um percurso metodológico (SANTOS, 1977; MAMIGONIAN, 1996), de modo que este estudo consistiu na coleta, na sistematização e na análise de dados qualitativos e quantitativos obtidos em diversas fontes secundárias, como livros, artigos, relatórios setoriais, leis e decretos. Por meio desse percurso, buscou-se compreender a relação entre as forças produtivas – meios de produção (especialmente a terra e a técnica) e força de trabalho – e as relações de produção,

ao longo do processo histórico, como forma de mapear a organização do espaço econômico do petróleo em Gana no início do século XXI.

RESULTADOS

A cartografia dos recursos naturais da formação socioespacial de Gana

Nas primeiras duas décadas do século XXI, os recursos naturais e os produtos agrícolas tropicais representaram os principais itens da pauta de exportação de Gana. A predominância de *commodities* nessa pauta está longe de representar uma novidade para essa formação socioespacial, haja vista que remonta ao seu passado colonial, quando as forças produtivas da Costa do Ouro – sob dominação britânica – foram organizadas em torno da extração de ouro, bauxita, manganês, diamante e madeira e da produção de cacau (SANTOS, 2021).

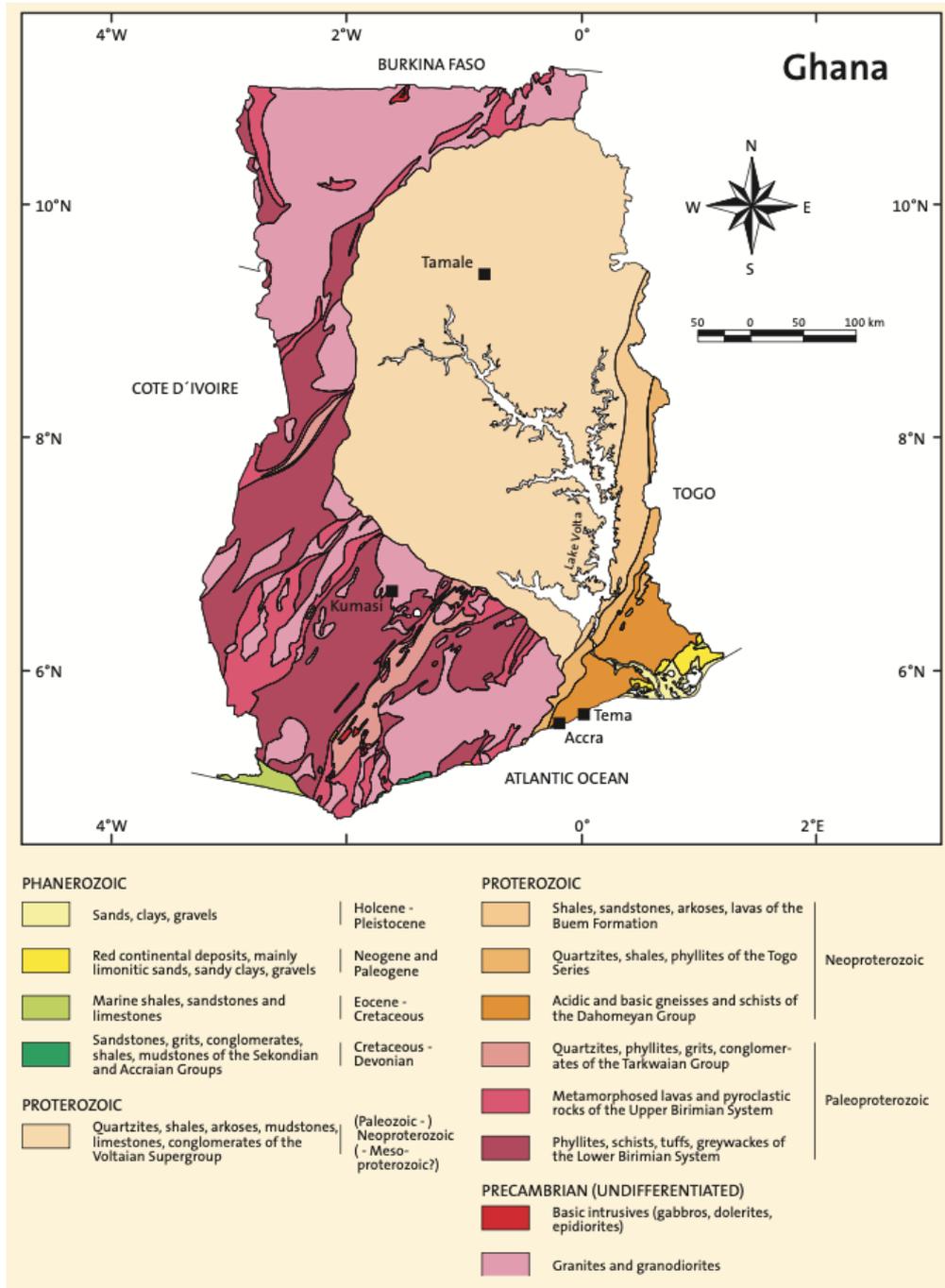
Ainda que agricultura comercial de gêneros tropicais tenha desempenhado um papel econômico importante para diversos territórios africanos durante todo o século XX e início do XXI, a exploração de recursos naturais teve uma relevância central e incontestável para muitos países, especialmente em função das demandas dos mercados internacionais por recursos minerais e energéticos em um contexto de expansão geográfica do capitalismo e aprofundamento da divisão internacional do trabalho. Para se dimensionar a riqueza de recursos no continente, estima-se que a África possua: 42% da reserva mundial de bauxita; 35% do urânio; 42% do ouro; 57% do cobalto; 39% do manganês; 73% da platina; 88% dos diamantes; 10% do petróleo; e 5% do cobre (GRANT, 2015). Além disso, nas áreas de florestas equatorial e tropical ocorre uma intensa atividade de extração de variados tipos de madeira.

Gana possui diversos recursos naturais que são explorados comercialmente em seu território: no ano de 2021, os recursos naturais representaram aproximadamente 66% das exportações do país, com destaque para o ouro (37%), para o petróleo bruto (25,4%) e para o manganês (2,18%). Há também reservas de bauxita e diamante, argila, caulim, areia, calcário, ferro, quartzo e sal, de modo que as duas primeiras são ainda bastante exploradas comercialmente (VARLEY; WHITE, 1958; OEC, 2023).

As condições geológicas do território em questão explicam a diversidade de minerais disponíveis à economia. A maior parte dos recursos explorados localizam-se nas

porções sul, sudoeste e oeste do país; áreas de ocorrência predominante de rochas paleoproterozóicas que se subdividem em três grupos: Tarkwa (quartzito, filito, *grits* e conglomerados), Birimian Superior (lavas metamorfoseadas e rochas piroclásticas) e Birimian Inferior (filito, xistos) (SCHLUTER, 2006) (conferir Mapa 1).

Mapa 1. Geologia de Gana.



Fonte: SCHLUTER, 2006.



É no final da década de 1980 que os recursos naturais, especialmente os minerais, ganharam maior importância na pauta de exportações do país, tomando o lugar de liderança que foi ocupado pelo cacau durante as décadas anteriores. Isso se deve ao fato de que as políticas econômicas neoliberais do governo de Jerry John Rawlings (1981-2001) buscaram ampliar a produtividade na mineração, pois consideravam a atividade estratégica para alavancar o Produto Interno Bruto (PIB) (HUTCHFUL, 2002).

Tais políticas – em especial a *Minerals and Mining Law*, de 1986 – realizaram profundas transformações nas relações de produção, viabilizando a entrada do capital privado, principalmente estrangeiro, em atividades que se encontravam até então sob controle do capital estatal. Desse modo, desde o final da década de 1980, diferentes corporações estrangeiras obtiveram licença junto ao governo para explorar os recursos naturais do país.

Destoando da longa história de exploração dos recursos minerais nessa formação socioespacial, o petróleo, por sua vez, é um recurso energético que só passa a ser explorado comercialmente no final da primeira década do século XXI, em bacias sedimentares *offshore*.

Da descoberta à exportação: uma breve cronologia da exploração e da regulação do petróleo em Gana

Foi apenas no final do ano de 2010 que o petróleo passou a figurar na pauta de exportações de Gana, diferente das demais *commodities* do país – especialmente do ouro, da bauxita, do manganês, do diamante e do cacau –, cuja exploração e produção são marcadamente mais longevos. Em 2011, as exportações de petróleo bruto foram responsáveis pela arrecadação de 2 bilhões de dólares, o que correspondeu a 21,5% do total do valor das exportações ganenses no ano (que totalizaram 12,7 bilhões, contra os 7,9 bilhões de 2010). Já em 2021, dez anos depois, Gana arrecadou 3,7 bilhões de dólares com as exportações do recurso (25,4,6% do total das exportações), de modo que este se consolidou como o segundo principal item de exportação do país, atrás apenas do ouro (OEC, 2023).

Na escala mundial, em termos de arrecadações com as exportações do recurso, a atividade petrolífera ganense alcançou a trigésima-sexta posição em 2022. No mesmo ano, a liderança na produção esteve com os Estados Unidos (20,2 milhões de barris por



dia), seguido pela Arábia Saudita (12,1 milhões), Rússia (10,9 milhões), Canadá (5,7 milhões), China (5,1), Iraque (4,5 milhões), Emirados Árabes Unidos (4,2 milhões), Brasil (3,7 milhões), Irã (3,6 milhões) e Kuwait (3 milhões). No continente africano, 7 países produziram mais petróleo que Gana em 2022, são eles: Nigéria, Argélia, Angola, Líbia, Egito, República Democrática do Congo e Gabão (EIA, 2023).

Atualmente, a cadeia de valor global do petróleo em Gana está organizada fundamentalmente pela atuação do Estado e de grandes empresas – públicas e privadas, nacionais e estrangeiras – altamente capitalizadas e que detêm a propriedade dos meios de produção necessários e da força de trabalho qualificada para operar a extração, o processamento e o transporte do óleo bruto.

Apesar da exportação de petróleo fazer parte da história recente da formação socioespacial ganense, a exploração do recurso iniciou-se em 1896, ainda durante o período colonial. De modo geral, do final do século XIX até 1957, o governo britânico registrou 21 tentativas de perfuração rasa e terrestre (*onshore*) na Costa do Ouro, sem encontrar reservas em quantidades que justificassem a exploração comercial (GHANA NATIONAL PETROLEUM CORPORATION, 2016).

Durante o governo de Kwame Nkrumah (1957-1966), logo após a independência do jugo colonial, esse tipo de exploração continuou, mas agora a cargo de geólogos e geofísicos soviéticos e não mais dos britânicos. A parceria Gana-União Soviética (firmada entre 1957 e 1966) explorou a Bacia do Volta e a Bacia de Accra/Keta, tendo encontrado algumas evidências do recurso, porém em pequenas quantidades que, novamente, não justificavam a exploração comercial (GHANA PETROLEUM COMMISSION, 2016). Com o golpe de Estado e o fim do governo de Nkrumah, em 1966, construiu-se um novo alinhamento geopolítico de Gana, agora com o bloco capitalista, de modo que empresas estrangeiras ocidentais passaram a ocupar o espaço dos pesquisadores soviéticos, dando início às pesquisas e perfurações em alto mar (*offshore*) em 1970. Em função do sucesso da perfuração na Bacia de *SaltPond*, as bacias sedimentares do litoral ganense passaram a chamar atenção de muitas empresas petrolíferas europeias e estadunidenses, que obtiveram, junto ao governo ganense, as licenças oficiais para exploração. As crises do petróleo na década de 1970 intensificaram a oferta de licenças para tais empresas (SANTOS, 2021).

Em 1978, deu-se início à produção comercial de petróleo em alto mar, na Bacia de *SaltPond*, destinada ao mercado nacional. No mesmo ano, foi realizada pela primeira



vez a exploração em águas profundas, pela empresa estadunidense *Phillips Petroleum*. O desenvolvimento de tecnologias de sensoriamento remoto ampliou as condições de pesquisa sobre a ocorrência do recurso no litoral ganense (GHANA PETROLEUM COMMISSION, 2016).

Na década de 1980, durante o governo de J.J. Rawlings – alinhado ao contexto de liberalização econômica – foi fundada a *Ghana National Petroleum Corporation* (GNPC) em 1983 e sancionadas a *Petroleum Exploration and Production Law* em 1984 e a *Petroleum Income Tax Law* em 1987. Todas essas medidas tiveram por objetivo regular a participação do capital estatal no setor, de modo que a participação da própria GNPC está limitada às funções comerciais e reguladoras, não produtivas.

A partir de então, numerosas corporações estabeleceram acordos com o Estado ganense, como as estadunidenses *Atlantic Richfield Corporation* (ARCO), *Amoco* e a *Diamond Shamrock*, dentre outras. Efetivamente, entre 1984 e 2007, o GNPC foi responsável pela elaboração de um conjunto de estudos geológicos sobre a ocorrência de petróleo, visando a atração de mais empresas estrangeiras para explorar o recurso (GHANA NATIONAL PETROLEUM CORPORATION, 2016). No ano de 2004, foram iniciadas as concessões de licenças para exploração de petróleo em alto mar, cuja existência já era apontada por estudos da GNPC. Em 2007, ocorreu a descoberta do campo de *Jubilee*, pela irlandesa *Tullow Oil* e pela estadunidense *Kosmos Energy*. A descoberta de reservas em quantidades comerciais fez com que o governo elaborasse a *Ghana Petroleum Regulatory Bill*, que atualizou as relações entre a GNPC e as empresas estrangeiras no que tange às descobertas comerciais.

No que diz respeito as relações de produção, mais especificamente, o Estado de Gana é o proprietário de todo o petróleo e de todo o gás natural do país e as concessões emitidas são feitas por meio do *Ministry of Energy and Petroleum* (MoEP). O processo para uma empresa obter a licença para exploração do petróleo é composto por 10 etapas principais, a saber:

1. O MoEP recebe uma carta de notificação da empresa sobre seu interesse na exploração do petróleo ganense. O MoEP notifica o recebimento dessa carta para a *Petroleum Commission* (PC). Em seguida, a empresa é convidada para fazer uma apresentação ao PC. A empresa é notificada (por carta) para agendar uma visita no *Data Room*;
2. A empresa realiza o agendamento para inspecionar os blocos disponíveis para



exploração. Uma taxa não reembolsável de aproximadamente 500 dólares (HILSON et. al., 2014) é paga nesse agendamento;

3. A empresa identifica o bloco de interesse e preenche um formulário para o MoEP, requisitando a área de exploração desejada. Além desse formulário, a empresa deve submeter ao ministério um projeto de exploração, caracterizando as operações da empresa, seus cálculos financeiros etc.;
4. O MOEP recebe uma taxa de inscrição (não reembolsável) de 10 mil dólares da empresa. A última é notificada acerca do recebimento dessa taxa. O projeto de exploração é encaminhado para o GNPC e para o PC;
5. Um comitê de avaliação faz observações sobre o projeto de exploração e envia um relatório ao MOEP, fazendo recomendações;
6. O MOEP decide se aprova ou reprova o projeto e notifica a empresa;
7. Se o projeto for aprovado, o ministro estabelece uma equipe de negociação governamental (*Government Negotiation Team*) para estabelecer um contrato (*Petroleum Agreement*). Um rascunho do *Petroleum Agreement* é feito após uma negociação bem-sucedida;
8. Os ministros das finanças, do meio ambiente e da justiça são chamados para fazer observações sobre o rascunho do *Petroleum Agreement*;
9. O ministro do MOEP envia o rascunho para aprovação do Gabinete. Caso o Gabinete aprove, o rascunho é levado ao Parlamento para ser ratificado.
10. O *Petroleum Agreement* se torna efetivo a partir da data em que é ratificado no Parlamento.

Além de estar presente nas fases de pesquisa, planejamento e concessão de licenças de exploração do recurso, o Estado também é responsável pela cobrança de *Royalties* (12,5%), juros do GNPC (10%) e imposto de renda (35%). As relações de produção no setor petrolífero ganense consistem na atuação, portanto, do Estado – proprietário do recurso e supervisor das operações de exploração do mesmo – e de empresas altamente capitalizadas que, em sua maioria, são estrangeiras. Essas empresas detêm os maquinários, os instrumentos e as condições de contratação de força de trabalho para extrair e processar o petróleo ganense. A empresa estatal GNPC, por sua vez, é responsável sobretudo por atividades de exploração independentes ou eventuais *joint ventures* com empresas regionais ou estrangeiras.

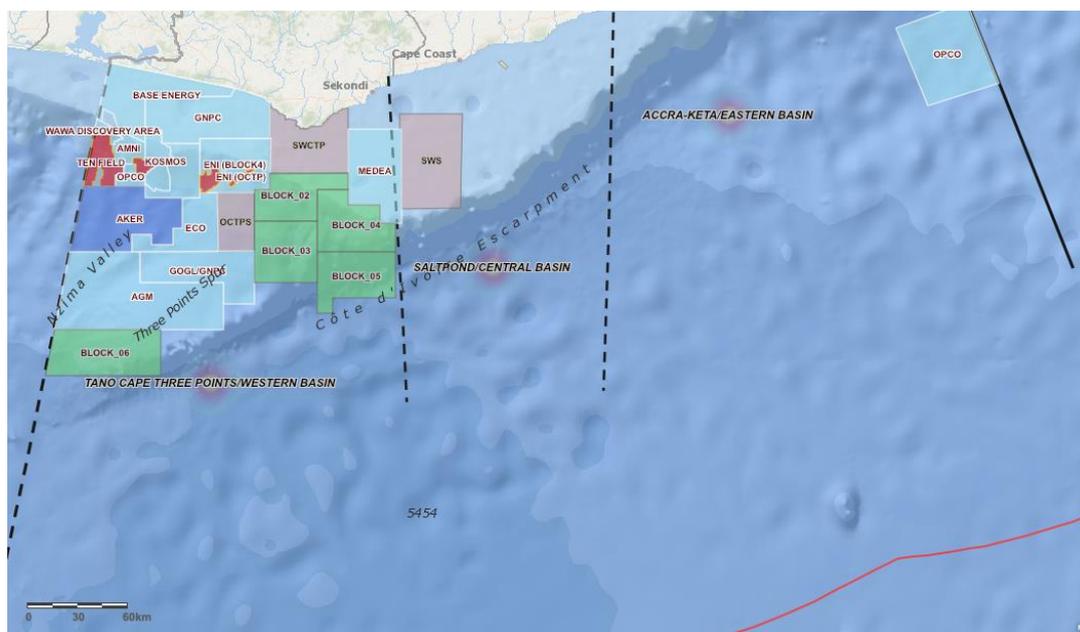
Torna-se fundamental, portanto, compreender como se organiza a cadeia de valor do petróleo em Gana, atentando à realização do processo de extração e processamento do petróleo, as principais empresas que atuam no setor e a forma como elas dispõem de suas forças produtivas.

A cadeia de valor global do petróleo em Gana

A formação socioespacial de Gana possui quatro estruturas sedimentares onde ocorrem pesquisas geológicas em busca de petróleo: a Bacia Ocidental, conhecida como Bacia *Tano-Cape Three Point*; a Bacia Central, conhecida como Bacia *Saltpond*; a Bacia Oriental, conhecida como Bacia *Accra-Keta* (conferir Mapa 2) e; a Bacia Voltaica. Dessas bacias, apenas a Voltaica está na porção continental do país, enquanto as outras três estão nas porções marítimas.

44

Mapa 2. Reservas de petróleo Offshore em Gana



Fonte: Ghana Petroleum Commission, 2023.

É na Bacia Ocidental onde se concentra a maior parte das operações atuais de exploração do petróleo em Gana: 3,8 dos 4 bilhões de barris estimados em reservas no país estão localizados nessa bacia (KOPINSKI, POLUS e TYCHOLUZ, 2013). Até 2022, doze empresas atuavam no setor petrolífero da formação socioespacial ganense. Dentre



elas, apenas a *Tullow Oil* e a *Ente Nazionale Idrocarburi (ENI)* operavam na extração comercial do óleo, enquanto as demais ainda se encontravam nas fases de estudo das áreas de concessão, ou desenvolvendo os meios de produção para dar início à prospecção do recurso nos próximos anos.

Empresa irlandesa com sede em Londres, a *Tullow Oil* foi fundada em 1986 e passou a atuar em Gana no ano de 2007, tendo implementado sua sede na cidade de Accra. A empresa também está presente em 19 países e 2 colônias, a saber: Congo, Costa do Marfim, Etiópia, Gabão, Guiné, Guiné Equatorial, Madagascar, Maurítânia, Namíbia, Quênia e Uganda (na África); Groenlândia, Guiana, Guiana Francesa, Jamaica, Suriname e Uruguai (nas Américas); Paquistão (na Ásia) e Reino Unido, Holanda e Noruega (na Europa). Em Gana, a empresa extrai petróleo na bacia Ocidental (*Tano-Cape Three Point*), nos campos de *Jubilee* e *TEM* (TULLOW OIL, 2023).

Em 2022, a produção média mensal no campo *Jubilee* foi de 2,4 milhões de barris, enquanto no campo de *TEN* foi de 717 mil barris, em uma área de 61 km². A *Tullow Oil* é a operadora responsável pela produção em *Jubilee*, mas atua em parceria com outras empresas (as estadunidenses *Kosmos* e *Anadarko*, a ganense *GNPC* e a sul-africana *Petro S.A.*). Nessa *joint venture*, a *Tullow Oil* é responsável por 35,48%, seguida da *Kosmos*, 24,08%; *Anadarko*, 24,08%; *GNPC*, 13,64%; e *Petro S.A.*, 2,73%, que juntas prestam apoio técnico à *Tullow Oil* (TULLOW OIL, 2023; GHANA PETROLEUM COMMISSION, 2016).

A produção em *Jubilee* ocorre em uma *Floating Production Storage and Offloading (FPSO)*. Essa unidade é uma embarcação flutuante que serve para extrair e armazenar óleo: trata-se de um navio cargueiro convertido em FPSO, produzido pela empresa *MODEC Management Services*, de Singapura. Somam-se à unidade outros equipamentos de prospecção em águas profundas, como *Christmas Threes*, *Manifold* e *River Base*, produzidos pelas americanas *FMC Technology* e *Technip*. Ainda são importados peças e equipamentos da Tailândia, Malásia, Reino Unido, França e Noruega (TULLOW OIL, 2023). Já a italiana *ENI* foi fundada em 1953 e possui sede na cidade de Roma. A empresa atua em 62 países, sendo 14 deles localizados na África, a saber: Argélia, Angola, República Democrática do Congo, Costa do Marfim, Egito, Gabão, Quênia, Líbia, Marrocos, Moçambique, Nigéria, África do Sul e Tunísia, além de Gana. A empresa começou a atuar em Gana no ano de 2017 e, em 2022, já apresentava uma produção média mensal de 1 milhão de barris, extraídos no *Cape Three Points Block 4*



(conferir Mapa 2). Assim como a *Tullow Oil*, a extração ocorre por meio da FPSO (ENI, 2023).

Com relação à força de trabalho, Gana possui uma significativa escassez de mão de obra qualificada – perfuradores, engenheiros, administradores e operários – o que muitas vezes atrai mão de obra da Nigéria, dos Estados Unidos e da Europa Ocidental. A presença estrangeira já criou conflitos com os trabalhadores ganenses no que tange à questão salarial: em 2014, os trabalhadores locais de *Jubilee Field* fizeram greve por equiparação salarial, afirmando que os expatriados recebiam até 10 vezes mais que os ganenses para desempenhar funções semelhantes (ALL AFRICA, 2015).

O óleo produzido por Gana em *Jubilee* é de alta qualidade (*high quality light sweet*). Ele é transportado até o Porto de Takoradi por meio de um navio cargueiro (*Offload Tanker*). Em Takoradi, uma parcela do óleo produzido é armazenada e fiscalizada para ser exportado. Outra parte é transportada até o Porto de Tema (por oleodutos), onde é processada na Refinaria de Tema, visando abastecer o mercado nacional. No que tange às destinações do petróleo ganense, pode-se observar, nos últimos anos, uma destinação diversificada, mas sobretudo para a China, Estados Unidos, Índia e França.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A economia do petróleo em Gana é recente, embora a busca pelo recurso energético tenha sido feita por décadas. Desde 2010, quando se inicia a exploração comercial do mesmo, o petróleo vai ganhando protagonismo na pauta de exportações deste país da África Ocidental, chegando a ocupar o segundo lugar em 2021, atrás apenas do ouro, que é explorado na região desde, pelo menos, o século XXI.

A presença de empresas estrangeiras – altamente capitalizadas e dotadas de tecnologias de extração *offshore* – na economia do petróleo em Gana é uma consequência direta do alinhamento que os governos do país promoveram em direção à lógica neoliberal desde a década de 1980. O Estado, nesse contexto, monitora toda a cadeia de valor do recurso e, eventualmente, se associa às empresas estrangeiras por meio de empresas públicas, formando as *joint ventures*.

A premissa teórico-metodológica de analisar Gana como uma formação socioespacial permite a construção de um caminho investigativo que busca interpretar as



formas com que as forças produtivas e as relações de produção se combinam em um determinado país, ao longo do processo histórico. Com isso, é possível identificar as particularidades com que a economia do petróleo se desenvolve em Gana e, com isso, promover análises comparativas com outros países africanos que extraem e exportam petróleo. Mas isso é tarefa para um outro artigo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALL AFRICA: Disponível em: < <http://allafrica.com> > Acesso em 15 fev. 2015.

BBC – British Broadcast Corporation. Disponível em: < <https://www.bbc.com/news/world-africa-11996983> > Acesso em 15 jul. 2023.

EIA – Energy Information Administration. Disponível em: < <https://www.eia.gov> > Acesso em 18 jul. 2023.

ENI – ENTE NAZIONALE IDROCARBURI. Disponível em: < <https://www.eni.com/en-IT/eni-worldwide/africa/ghana.html> > Acesso em 15 ago. 2023

GHANA MINISTRY OF ENERGY AND PETROLEUM. Disponível em: < <http://www.petromin.gov.gh> > Acesso em: 14 fev. 2016.

GHANA NATIONAL PETROLEUM CORPORATION. Disponível em: < <http://www.gnpcghana.com> > Acesso em: 14 fev. 2016.

GHANA PETROLEUM COMMISSION. Disponível em: < <http://www.petrocom.gov.gh> > Acesso em: 14 fev. 2016.

GRANT, R. **Africa: geographies of change**. Nova Iorque: Oxford University Press, 2015.

HUTCHFUL, E. **Ghana's adjustment experience: the paradox of reform**. Oxford: James Currey, 2002.

KOPINSKI, D.; POLUS, A. e TYCHOLUZ, W. Resource curse or resource disease? Oil in Ghana. **African Affairs**. Vol. 112, N. 449, 2013, p. 583–601.

MAMIGONIAN, A. A geografia e a formação social como teoria e como método. In: SOUZA, M. A. (org.). **Seminário Internacional: O Mundo do cidadão, Um Cidadão do Mundo**. São Paulo : HUCITEC, 1996.

OBENG-ODOOM, F. Global political economy and Frontier economies in Africa: Implications from the oil and gas industry in Ghana. **Energy Research & Social Science**. Vol. 10, November 2015, p. 41–56



OEC – OBSERVATORY OF ECONOMIC COMPLEXITY. Disponível em: < <http://atlas.media.mit.edu/en/> > Acesso em: 26 abr. 2023.

SANTOS, K. L. dos. **Ouro por lixo: As inserções de Gana na divisão internacional do trabalho**. Rio de Janeiro: Pallas, 2021.

SANTOS, M. Sociedade e espaço: a formação social como teoria e como método. **Boletim Paulista de Geografia**. São Paulo, n. 54, AGB, 1977, p.35-59.

TULLOW OIL. Disponível em: < <http://www.tullowoil.com> > Acesso em: 14 jul. 2023.

VARLEY, W.J. e WHITE, H. P. **The geography of Ghana**. Londres; Nova Iorque: Longmans; Greens, 1958.